

## De menino cábula a respeitado intelectual

Fazendo fé no que repetidamente nos conta, enquanto criança, Francisco Gomes de Amorim distinguia-se dos seus colegas por “uma superioridade incontestável, nos exercícios arqueológicos de atirar à funda, apanhar pássaros a laço, e, visto que é preciso confessar tudo, em achar pretextos plausíveis para não dar lição sempre que isso me competia” (*Cantos Matutinos*, p.iii). O resultado de tais habilidades foi que, tendo entrado na escola aos cinco anos e saído quase aos dez, a abandonou “sem saber assinar o meu nome, ou soletrar duas palavras”. (id. ib.)

Apesar disso, uma vez na Amazónia, sentiu-se aos doze anos irresistivelmente motivado pela necessidade de aprender a ler e aprendeu depressa. Depois de outras leituras, caiu-lhe casualmente nas mãos o *Camões* de Almeida Garret, e, daí em diante, desenvolveu-se em si um tão acentuado gosto pela poesia que, ainda antes dos quinze anos, já escrevia versos para ler aos amigos e aos clientes pretos que iam à loja em que ele servia como caixeiro. Depois de andar pela selva e travar espantoso conhecimento com a riqueza humana, botânica e animal naturais da Amazónia, entendeu que não era aí que estava o seu futuro. Escreveu duas cartas a Garrett, em Janeiro e Julho de 1845, recebendo resposta, datada de Outubro do mesmo ano, em que Garrett prometia ajudá-lo se ele viesse para Portugal. Foi o que fez, sem hesitações, em 22 de Março de 1846, embarcando no Pará. Regressado à terra natal, participou na revolta da Maria da Fonte e, quando foi alcançada a paz, em 1847, partiu para a capital.

Já em Lisboa, ao mesmo tempo que servia em modestos empregos de caixeiro, cultivava a poesia e enviava versos para os jornais, tornando-se em breve conhecido como “poeta operário”. A tal ponto se tornou notado que em 6 de Agosto de 1849 lhe foi oferecido um jantar de homenagem, que tem sido chamado Jantar Literário, presidido pelo próprio Almeida Garrett, a que compareceram, entre muitos outros, Alexandre Herculano, Lopes de Mendonça, José Estevão. Note-se que nesta altura Gomes de Amorim tinha apenas 22 anos de idade. O jantar serviu também para que lhe fosse atribuído emprego mais digno, sendo nomeado ajudante de escrivão da pagadoria geral do Ministério da Marinha, com a graduação de tenente da Armada Nacional.

O menino emigrante analfabeto, o voluntarioso autodidacta, o jovem poeta cumpria um trajecto que daí em diante seria vertiginoso. A poesia deixou de lhe bastar e depressa se lançou como dramaturgo, romancista, contista, publicista com larga colaboração na imprensa, incluindo a brasileira, editor de *Os Lusíadas*, biógrafo de Garrett. O seu nome passou a ser respeitado por todos, a intelectualidade mais destacada de meados do século XIX convivia com Gomes de Amorim, muitos dos nomes eram visitas de sua casa e com ele se correspondiam. Além de Garrett, refiram-se, a título de exemplo, Alexandre Herculano, Rafael Bordalo Pinheiro, Teixeira de Vasconcelos, Rebelo da Silva, Luís Augusto Palmeirim, o francês Ferdinand Dennis, etc. De discípulo de Garrett passou a consultor de jovens praticantes da literatura que lhe pediam conselhos. Como prova de reconhecimento da sua valia, várias instituições de cultura, nacionais e estrangeiras, aceitaram-no como sócio: Academia das Ciências de Lisboa, Instituto de Coimbra, Academia Real das Ciências da Bélgica, Academia Espanhola, Academia Real de História de Madrid, Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil, etc..

Como ele próprio escreve no prefácio a *O Cedro Vermelho*, o autor desta peça «De volta à pátria, não perdeu a memória do formoso país onde passara a idade juvenil». Revela, de facto, uma prodigiosa memória que, por um lado, reteve dos poucos anos que viveu no Brasil e ainda na adolescência, sublinhe-se, uma rica terminologia exótica que viria a utilizar em algumas das obras que tratam de problemas da Amazónia, como acontece em *O Cedro Vermelho* e *Os Selvagens*. Além disso, numa surpreendente sensibilidade ambiental, cedo manifesta preocupação pelas implicações ecológicas que vislumbra naquilo que viu fazer na Amazónia que conheceu, ao mesmo tempo que denunciava o tratamento injusto de que os índios brasileiros e os escravos estavam a ser vítimas, pugnando pela sua emancipação como seres humanos, nomeadamente nas peças de teatro que escreveu e que, em geral, foram levadas à cena.

Não obstante a notoriedade de que gozou, Gomes de Amorim manteve sempre um perfil modesto e uma recordação saudosa



Placa da homenagem prestada pela Câmara Municipal em 1885, na casa onde nasceu Francisco Gomes de Amorim. Placa comemorativa do 1º Centenário de nascimento, em 1927.

Placa comemorativa do 1º Centenário da morte, em 1991.

da pequenina terra que o tinha visto nascer. Relatou vezes sem conta o seu humilde nascimento e manifestou continuamente uma inconsolável nostalgia em relação aos lugares da sua infância. Essa lembrança de Aver-o-Mar, a que ele chamava Avelomar, está materializada, por exemplo, em *As Duas Fiandeiras*, no conto *As Roseiras do Amor* (incluídas na colectânea *Frutos de Vário Sabor*) e, em parte, em *O Amor da Pátria*. A acção desenvolve-se pelos diversos lugares da aldeia, que ele nomeia a cada passo, descrevendo muitas vezes os seus traços mais característicos (caminhos, fontes, vegetação, pessoas, apelidos de famílias que ainda hoje existem, etc.)

Ao olhar para a sua volumosa produção, muita dela de apreciável qualidade e muita outra ainda inédita, não deixa de surpreender, desagradavelmente, que Francisco Gomes de Amorim tenha andado tão esquecido. Parece-me imperdoável que isso se verifique entre os poveiros e, muito especialmente, entre as gentes de Aver-o-Mar. Não será tempo de se reeditar as suas obras, pelo menos as mais 'locais', e promover a sua leitura?

Aqui fica a pergunta.

M. Gomes da Torre  
Julho de 2007

# FRANCISCO GOMES DE AMORIM

13-08-1827 a 04-11-1891

## Destaque Bio-Bibliográfico nos 180 anos do nascimento do autor

Francisco Gomes de Amorim – Nasceu na freguesia de Aver-o-Mar (Avelomar, como escrevia), concelho da Póvoa de Varzim, a 13.08.1827 e faleceu em Lisboa a 04.11.1891.

Emigrou aos 10 anos para o Brasil, tendo sido caixeiro, em Belém do Pará.

Espírito irrequieto, a sua rebeldia ia ao ponto de insultar e mesmo agredir quem ousasse falar mal de si. Afastado do emprego, foi-lhe difícil encontrar trabalho nas redondezas, mercê da sua fama de rapaz turbulento. Ao fim de algum tempo, conseguiu empregar-se no extremo da cidade.

Aos 12 anos, começou a aprender a ler e foi tal a dedicação pelo estudo que, em poucos meses, já lia em voz alta, na ausência do patrão, a História de Carlos Magno, o primeiro livro que lhe caíra nas mãos; o segundo foi o «Lusíadas».

Mas quem diria que um moço tão travesso e sem instrução primária viria a atingir uma posição tão elevada nas letras e na sociedade portuguesa do seu tempo!?

Foi poeta aos 15 anos.

Em 1846, regressou a Portugal com nove anos de permanência no Brasil, deslocando-se à Póvoa várias vezes para manifestar o seu carinho pela terra que lhe serviu de berço.

A sua intimidade com Almeida Garrett resultou da leitura do seu poema «Camões», encontrado, por acaso, dentro de um cesto, com outros livros velhos, o que levou Gomes de Amorim a escrever-lhe uma carta a pedir-lhe protecção e a contar-lhe a emoção que sentira com a sua leitura. A resposta favorável de Garrett chegou-lhe às suas mãos, sendo motivo de indizível satisfação e ocasionando o seu imediato regresso a Portugal.

Em Portugal conviveu longamente com Garrett, tendo assistido aos seus últimos momentos de vida. Morreu nos seus braços. Gomes de Amorim considerava-o seu pai e mestre.

A Academia Real das Ciências de Lisboa galardoou-o com o prémio Dom Fernando, por ter publicado o melhor trabalho sobre a vida e a obra de Almeida Garrett.

A sua amizade pessoal com Oliveira Martins começou a partir do célebre «REQUERIMENTO DOS POVEIROS» que este insigne historiador enviara ao Rei Dom Luís I, em 1882, solicitando a construção de um Porto de Abrigo e que dizia assim: - «Não basta que ao peito do Maio se pendure a medalha de honra, nem se dêem vinte mil réis ao Sérgio: é necessário que na praia da Póvoa se construam molhes de abrigo – exactamente para não haver mais naufragos a salvar, nem mais heróis a enobrecer».

Gomes de Amorim na carta que escrevera a Oliveira Martins disse textualmente: «Pois assim como V. Ex.<sup>a</sup>, oficiosamente, por bondade de alma, se tornou seu procurador benemérito, venho eu, em nome deles, como filho do mesmo concelho, depôr nas suas mãos benéficas este pobre atestado de gratidão das mães, das mulheres, das filhas e das irmãs agradecidas desses infelizes». O Primeiro Centenário da Morte do polígrafo eminente, ocorrido a



Francisco Gomes de Amorim, em 1858. Litografia de Joaquim Pedro de Sousa, sobre fotografia Nasi, inserta no início da 1ª edição dos *Cantos Matutinos* (Lisboa, 1858). In: *Póvoa de Varzim Boletim Cultural*. Vol. IV, n.º 2 (1965), p. 256.

04.11.1991, alongou-se, por proposta do ilustre Director do nosso Museu, Senhor Manuel Lopes, até Novembro de 1992. No dia 3 de Novembro, a sua notável figura foi evocada solenemente pelo distinto historiador poveiro Rev.do Padre Manuel José Gomes da Costa Amorim<sup>(1)</sup>. Digno de especial registo a presença de seu bisneto e homónimo que descerrou a placa comemorativa da efeméride na casa onde nasceu Francisco Gomes de Amorim, em Aver-o-Mar.

<sup>(1)</sup>Nota: a referida evocação foi efectivamente proferida pelo Professor Doutor Manuel Gomes da Torre.

Fonte: Alguns homens notáveis da Póvoa de Varzim: Gomes de Amorim. Associação Comercial da Póvoa de Varzim: 1º Centenário 1893-1993. Póvoa de Varzim: Associação Comercial, 1993. pp 50-51. Adaptado de MALPIQUE, Cruz Francisco Gomes de Amorim: notas para um estudo. In: *Póvoa de Varzim Boletim Cultural*. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal, Vol. IV, nº2 (1965), pp. 245 e ss; Vol. VI, nº 1 (1967), pp. 17 e ss; nº2, pp. 263 e ss.

Catálogo elaborado em 13 de Agosto de 2007, 180 anos após o nascimento de Francisco Gomes de Amorim.

Os conteúdos deste catálogo e a bibliografia passiva de Francisco Gomes de Amorim encontram-se disponíveis em <http://www.cm-pvarzim.pt/biblioteca>



Biblioteca Municipal Rocha Peixoto  
Rua Padre Afonso Soares  
4490-664 Póvoa de Varzim  
Telefone: +351 252 616 000 / Fax: +351 252 617 059  
E-mail: [biblioteca@cm-pvarzim.pt](mailto:biblioteca@cm-pvarzim.pt)  
Website: <http://www.cm-pvarzim.pt/biblioteca>

Ficha Técnica:  
Coordenação editorial: Manuel Costa  
Pesquisa: Lurdes Adriano  
Grafismo: Joana Santos  
Colaboração: Professor Doutor Manuel Gomes da Torre

## Obras de Francisco Gomes de Amorim existentes na Biblioteca Municipal Rocha Peixoto

**À glorificação de Calderon de la Barca no segundo centenário da sua morte.** Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1881. 30 p. Obra aprovada em concurso pelo jury para o premio da Medalha de Ouro proposto pela Academia Hespanhola.

**Amor (O) da pátria.** Lisboa: Empreza Horas Romanticas, 1879. 455 p.

**Beneficio (A) dos inundados: Hespanha-Murcia.** Porto: Typographia de António José da Silva, 1879. 15 p.

**Biographia de D. Maria Evelina Botelho Machado.** Ponta Delgada: F.J. da C.S.M., 1919. 15 p.

**Cantos Matutinos.** Lisboa: Typographia Progresso, 1858. 355 p.

**Contos peregrinos a preto e branco: estórias com história.** Rio de Janeiro: [s.n.], imp. 1998. 250 p : il. Ilustração de Albano Neves e Sousa.

**Cypreste (O) e o pecegueiro.** [Brinde aos senhores assinantes do] Jornal de Noticias em 1873. Lisboa: Jornal de Notícias, 1873. p. 7-59.

**Diccionario de João Fernandes: lições de língua portugueza pelos processos novos ao alcance de todas as classes de Portugal e Brazil.** Lisboa: Imprensa Nacional, 1878. 320 p.

**Duas (As) fiandeiras: romance de costumes populares.** Lisboa: Empreza Horas Romanticas, 1881. 390 p.

**Duas scenas da idade media.** [S.l., s.n.]: [1872]. p.99-134. Exemplar sem página de rosto.

**Fígados de tigre.** Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, D.L. 1984. 207 p. (Biblioteca de autores clássicos). Autor da introdução Luíz Francisco Rebello.

**Fígados de tigre: programa.** Lisboa: Teatro Nacional D. Maria II, 1984. 28 p.; il. Encenação de Carlos Avilez.

**Flor (A) de mármore ou as maravilhas da pena em Cintra.** Lisboa: Imprensa Nacional, 1878. 29 p.

**Fructos de vario sabor.** Lisboa: Imprensa Nacional, 1876. 348 p.

**Funeral (O) e a pomba: 13ª edição do poema em 5 cantos do Sr. João de Lemos. [paraphraseado d'aquelle pelo poeta Francisco Gomes de Amorim em 2ª Edição]. A Nação.** Lisboa: Imp. de Francisco Xavier de Souza, nº0 (1836, 1953). [16] p.

**Garrett: memorias biographicas.** Lisboa: Imprensa Nacional, 1881-1884. 3 vol.

**Justiça.** Porto: Typographia Occidental, 1890. 14 p.

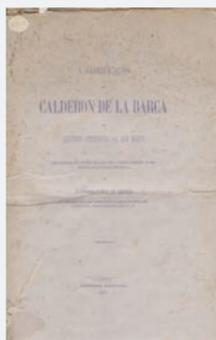
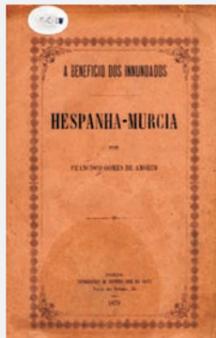
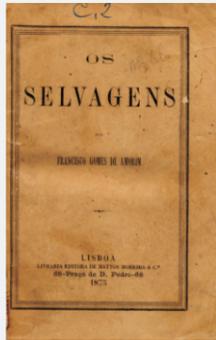
**Lusíadas (Os) de Luís de Camões: expurgados de erros que nunca se tinham corrigido e restituídos ao texto primitivo quanto foi possivel faze-lo sem violar a integridade do poema.** Lisboa: Imprensa Nacional, 1889. 391 p.

**Marinheiro (O):** [poema]: In "Panorama". Lisboa, 3ª série, vol. V (1856). p. 153-154.

**Milagre (O) da caridade.** Lisboa: Imprensa Nacional, imp. 1885. [14] p: il.

**Muita parra e pouca uva.** Lisboa: Viúva Bertrand & Cª, 1878. 416 p.

**Ódio de raça: drama em 3 actos.** Lisboa: Liv. Popular de Francisco Franco, [189?]. 40 p. (Biblioteca Dramatica Popular; 192). Representado a primeira vez em Lisboa, no teatro de



**Portugal e França: poesia.** Lisboa: A. Ferin Livreiro, 1886. 19 p.

**Quem descobriu o quê?.** Rio de Janeiro: [s.n.], 1999. [6], 197 p.: Il.

**Remorso (O) vivo.** Lisboa: Livraria e Editora de Mattos Moreira, 1875. 317 p. 1 vol.

**Selvagens (Os).** Lisboa: Livraria e Editora de Mattos Moreira & Cª, 1875. 307 p.

**Selvagens (Os): O remorso vivo: [peça de teatro].** [S. l: s. n.], [189?]. 18 cadernos.

**Teatro: Ódio de raça . O cedro vermelho.** Braga: Angelus Novus, cop. 2000. LXX, 467 p. Ribeiro, Maria Aparecida, Editor literário; Oliveira, Fernando Matos, Editor literário. (Obras clássicas da literatura portuguesa. Século XIX; 64)

**Theatro: a abnegação: a viúva.** Lisboa: Typographia Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1870. 334 p. 1 vol encadernado.

**Theatro: Aleijões sociaes: O casamento e a mortalha no ceo se talha.** Lisboa: Typographia Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1870. 413 p. 1 vol encadernado.

**Theatro: Fígados de tigre.** Lisboa: Typographia Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1869. 308 p.

**Theatro: Ghigi: A proibição.** Lisboa: Typographia Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1869. 367 p.

**Theatro: O cedro vermelho.** Lisboa: Imprensa Nacional, 1874. 2 vol.

**Theatro: Ódio de raça.** Lisboa: Typographia Universal de Thomaz Quintino Antunes, imp. 1869. 368 p.

**Theatro: Os incognitos do mundo: Os herdeiros do millionario.** Lisboa: Typographia Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1869. 340 p.

**30 Cartas do Brasil.** Rio de Janeiro: [s.n.], 1999. 96 p.

**Versos: Ephemeros.** Lisboa: Soc. Typographia Franco-Portugueza, 1866. 424 p. Vol. 2

**Viagem ao Minho.**In "Panorama". Lisboa, 3ª série, vol. II (1853), p. 134-135, 141-143, 151-152, 156-157, 173-174, 222-223, 229-230, 251-253, 279-280, 315-317, 359-360, 417-420; vol. III (1854), p. 104, 110-112, 159-160, 166-168, 174-176; vol. V (1856), p. 77-78, 81-83, 98-100, 130-133, 178-181, 234-238, 250-253, 260-264; 4ª série, vol. II (1858), p. 74-76, 82-84, 90-93, 98-100, 106-109, 115-117, 121-128, 362-364, 370-372.

**Viúva (A): comedia em 2 actos.** 2ª ed. Lisboa: Livraria Popular de Francisco Franco, [189?]. 30 p. (Biblioteca Dramatica Popular; 207). Representada a primeira vez em Lisboa, no Theatro de D. Maria II.

Amorim, Francisco Gomes de; Coelho, Joaquim Prado - **Camilo Castelo Branco; Cantos Manutinos.** [Póvoa de Varzim: Câmara Municipal], Exemplar fotocopiado das Festas de S. Pedro 1990 e 1992.

ANDRADE, Mariana Angélica de; AMORIM, Francisco Gomes de, introd. **Revérbos do poente: publicação posthuma.** Porto: Joaquim Antunes Leitão, 1883. 124 p.

**Os Lusíadas de Luís de Camões.** Edição crítica e anotada por Francisco Gomes de Amorim. Lisboa: Imprensa Nacional, 1889. 2 vol.

